



ENTREVISTA

AS MARGENS DO DISCURSO

Francisco Vieira da Silvaⁱ
Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA

Com total apreço acadêmico e explícito agradecimento, a *Revista Saridh* (Linguagem e Discurso) apresenta, nesta edição, Volume 3, Número 1 (2021), uma entrevista com o Pesquisador e Professor Doutor Francisco Vieira da Silva. O estimado professor Francisco Vieira é Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Especialista em Ciências da Linguagem aplicadas à Educação a Distância pela Universidade Federal da Paraíba e Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba.

Francisco Vieira é professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO), da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte e a Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

Nosso entrevistado também é coordenador local do POSENSINO na UFERSA e atua na perspectiva dos estudos discursivos foucaultianos, sobretudo no exame de discursos e práticas das/nas mídias digitais, a partir das intersecções com o ensino e a saúde. É líder do Grupo de Pesquisa Discurso com Foucault (Dis.com.fou), vinculado à Universidade Federal Rural do Semi-Árido e pesquisador do Círculo de Discussões em Análise do Discurso (CIDADI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), assim como do Grupo de

Estudos do Discurso (GRED), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e também do Grupo de Estudos do Discurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (GEDUERN).

A participação do Professor Francisco Vieira da Silva vem esmerar, com total distinção, o trabalho de produção e disseminação de conhecimento acadêmico-científico pela Revista Saridh, na conjuntura da relação entre linguagem, discurso e questões vinculadas ao ensino de língua materna, no contexto brasileiro. Intrinsecamente consoantes com a temática deste volume do periódico, qual seja, *Língua e discurso: reflexões para o ensino de Língua Materna*, as respostas e posições apresentadas nas falas do Professor Francisco Vieira denotam a primorosa qualificação de quem não só tem militado em prol da qualidade da educação nacional, mas, sobretudo, de quem reconhece o longo caminho já percorrido no tocante à oferta de condições que incidem sobre a abordagem do discurso e suas implicações para a formação de capital intelectual e humano nas universidades do país.

É no seio desses dizeres que reiteramos, com sincera alegria, o convite ao leitor para se debruçar e acompanhar esse importante espaço de fala.

1. (Revista Saridh) Como você analisa a relação língua e discurso e como é possível discutir as implicações dessa relação no contexto da escola pública no Brasil?

Francisco Vieira: Como já se discutiu imensamente no campo dos estudos discursivos, em diferentes perspectivas investigativas, a relação entre discurso e língua é constitutiva. Ora, o discurso, ainda que não esteja restrito ao tecido linguístico em si, necessita dos recursos expressivos da língua, para se produzir, funcionar e circular. Quando enlaçamos essa discussão com o contexto da escola pública brasileira, somos levados a problematizar especificamente como as práticas de análise linguística necessitam levar em consideração a dimensão discursiva, quer dizer, ir além de outros níveis, como a morfologia, a sintaxe, a fonética e a fonologia. Indo para outros campos do conhecimento, igualmente faz-se importante observar diversos fenômenos sociais, conforme problematizados por disciplinas como História, Geografia, Biologia, Arte, Educação Física, por exemplo, sob o prisma

discursivo. Certamente em tais áreas, pode-se ir além do conteúdo e notar como o que é dito se articula com a história e com as relações de poder.

2. (Revista Saridh) Qual a importância e o papel dos estudos discursivos para a condução do processo de ensino-aprendizagem na escola regular o tocante ao trabalho com Língua Portuguesa?

Francisco Vieira: Acabei, de algum modo, tocando nessa questão na pergunta precedente. A meu ver, o principal papel dos estudos discursivos no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa consiste numa tomada de posição por parte do docente de que é preciso desenvolver, a partir da leitura e análise de materialidades diversas, certas habilidades que permitam aos discentes enxergar para além do que é dito, não no sentido de buscar uma origem ou uma relação causal, mas compreender que os discursos são práticas sociais e históricas responsáveis por nos constituir como sujeitos situados num tempo e num lugar específicos. Acredito que através da exploração de textos variados que circulam socialmente, é possível analisar os discursos que neles circulam, buscando identificar os posicionamentos assumidos e as condições sócio-políticas por meio das quais os textos e os discursos são produzidos. Vale lembrar que reflexões sobre o discurso já aparecem em coletâneas didáticas de Língua Portuguesa, em razão dos efervescentes estudos realizados na academia.

3. (Revista Saridh) Que configuração adquirem os estudos discursivos no contexto da sala de aula de língua materna e qual o papel do professor na condução de um ensino coerente e consonante com as condições – sociais, políticas, culturais, econômicas, literárias e institucionais – do ensino no Brasil? Como lidar com essas demandas no contexto da oferta de ensino remoto?

Francisco Vieira: Certamente o contexto do ensino remoto agudizou a crise educacional brasileira. Não há dúvidas quanto a isso. No entanto, é possível criar estratégias de ensino que possam tomar como objeto de análise os diversos discursos que circulam a partir da eclosão da crise sanitária da Covid-19 e, a partir daí, implementar uma série de debates em sala de aula, os quais podem produzir instigantes discussões a respeito dos dizeres

institucionais, médicos e/ou midiáticos em torno da pandemia, das medidas de contenção (ou a ausência delas), das vacinas e dos mais variados impactos dessa crise planetária na vida social brasileira. É igualmente importante planejar atividades de intervenção que atendam às contingências do ensino remoto, especialmente as fragilidades que o caracterizam, como a dificuldade de acesso às tecnologias por parte de muitos estudantes, de modo a fragilizar o aprendizado.

4. (Revista Saridh) *Se são os discursos que nos impelem a desenvolver práticas que nos asseguram posições (formas de ser, modos de agir) de poder e de saber, como discutir o espaço das aulas de Língua Portuguesa como espaço propositivo de uma consciência crítica via abordagem discursiva dos muitos e diversos gêneros textuais/discursivos?*

Francisco Vieira: Primeiramente, mostrando para os alunos que é necessário desconfiar do óbvio e de certas “verdades” que se naturalizaram ao longo do tempo como algo que não se deve questionar. Em seguida, torna-se cabível pensar junto com os estudantes que os discursos atrelam-se ao poder e que ingressar nesse jogo é uma forma de participar ativamente de um projeto de sociedade. Num momento em que se proclama uma suposta neutralidade no ensino, vale reiterar a inexistência de isenção e problematizar os efeitos que esse tipo de discurso gera para o ensino e a aprendizagem em sala de aula.

5. (Revista Saridh) *Considerando o papel (posição-sujeito) do professor, fora e dentro da sala de aula, como discutir a sua posição de agente, sua militância – no e pelo saber – face às demandas da educação no contexto brasileiro?*

Francisco Vieira: Como dito antes, entendo que não convém pactuar com as forças atualmente em voga acerca de uma suposta neutralidade do ensino, pois se trata de uma quimera e, principalmente, porque a nossa posição de professor, nos tempos tensos de hoje, é em si um ato de resistência. Por outro lado, é necessário estarmos atentos à diversidade de posicionamentos que os alunos eventualmente irão assumir, muitos dos quais podem ser configurados como modos mais extremistas de enxergar os fatos. Disso deriva a premência em sabermos mediar conflitos e mostrarmos para os alunos que liberdade de expressão não se confunde com intolerância ou com discurso de ódio. Não devemos jamais nos valer de

nossa posição de poder para silenciar nosso aluno que pensa de modo diferente; todavia não podemos permitir quaisquer manifestações que possam ferir a dignidade de outrem.

6. (Revista Saridh) A partir da relação cada vez mais íntima e imbricada entre leitura de mundo e leitura de textos/gêneros/discursos, como abordar a questão do letramento e a promoção de condições para termos leitores linguisticamente eficientes, socialmente engajados e politicamente ativos face, sobretudo, à dimensão do ensino no contexto do ensino remoto?

Francisco Vieira: Não há como responder a essa inquietação, sem nos reportarmos ao quadro de desigualdade educacional brasileira, reiteradamente mostrado por diversas pesquisas sobre a escola pública, desenvolvidas, em especial, no campo da educação e da sociologia. Enquanto respondo a essas inquietações, vejo, no meu perfil, nas redes sociais, uma série de compartilhamentos de histórias de êxito escolar, expressas nos resultados SISU, de alunos de escolas públicas, filhos de pais com pouca ou quase nenhuma instrução. Em algumas dessas materialidades, os jovens que conseguem ingressar em universidades públicas relatam as dificuldades enfrentadas. Dentre elas, evidenciam-se os efeitos devastadores da pandemia, tendo em vista o distanciamento físico e o ensino remoto emergencial implantado sob bases extremamente frágeis.

Tais histórias, é preciso registrar, são romantizadas pela mídia corporativa como derivadas de esforços do mérito individual, de maneira a reforçar a racionalidade neoliberal. Porém, essas narrativas exibem como o sucesso escolar de alunos de classes populares é uma exceção, um fato que foge da realidade ordinária, digna de virar um fato noticioso. Diante disso, é fundamental pensar que a leitura de mundo, materializada na crítica à realidade social, necessita pressupor as abordagens dos gêneros textuais/discursivos no espaço escolar. Para isso, convém empreender atividades didáticas que possam desenvolver nos alunos a aptidão para enxergar como esses gêneros estão vinculados a relações de poder e como é possível, a partir dessa leitura, encetar estratégias de resistência.

7. *É possível falarmos em potencialidade e/ou positividade nesse período pandêmico no que se refere à produção de gêneros e à incitação de novas práticas de leitura e letramento de diferentes gêneros/textos/discursos?*

Francisco Vieira: Creio que sim. Obviamente as diversas práticas de leitura e letramento, notadamente as que emergem no contexto digital, já estão no nosso entorno tem certo tempo, mas, com o isolamento social e o ensino integralmente incorporado às telas, outras demandas surgem. A partir de uma relação que passa a ser mediada pelas aulas *on-line*, tanto docente quanto discente necessitam se apropriar de outros usos sociais da escrita.

Um exemplo: muitos alunos só possuem *e-mail* com o objetivo de usar para certos cadastros de redes sociais e/ou *sites* de compras, mas não sabem manejá-los, desconhecem os recursos do domínio ao qual o *e-mail* se vincula, bem como a estrutura composicional e o estilo do gênero. Hoje mais do que nunca, os discentes são impelidos a mobilizarem competências de produção de gêneros que são essencialmente digitais. Além disso, num mesmo aplicativo, como o *WhatsApp*, por exemplo, o discente, a depender do papel social do sujeito com quem interage, precisa mobilizar diferentes graus de monitoramento linguístico. Trabalhar a partir dessas demandas mais prementes pode ser uma alternativa viável.

8. (Revista Saridh) *Considerando a configuração dos cursos de graduação e de pós-graduação no Brasil, como você analisa o espaço dado ao trabalho com língua e discurso (via componentes curriculares, projetos de ensino, pesquisa e extensão) na formação de professor no Brasil?*

Francisco Vieira: Tendo em vista que todo currículo é instrumento de poder, o espaço dedicado ao campo dos estudos discursivos está relacionado aos diversos interesses, projetos e cosmovisões dos que fazem o currículo. Todavia, o currículo não se resume ao que está oficialmente posto, porquanto também se exprime nas microrrelações do espaço escolar/acadêmico. Penso que as variadas perspectivas discursivas estão em franco crescimento no país.

Não se trata de uma impressão sem base real. É nítida a quantidade expressiva de livros autorais, coletâneas, dossiês em periódicos qualificados e eventos sobre o discurso na cena acadêmica brasileira. A própria *Saridh* entra nesse foco de interesses, uma vez que seu escopo é o discurso. Tudo isso não surge do nada, mas é fruto de anos de intenso trabalho e esforço de autores/as de todas as regiões do país que apostam no discurso como um objeto de estudo pertinente e de impacto social.

9. (Revista Saridh) Ao agradecermos muito sincera e cordialmente por sua atenção e disponibilidade em nos prestigiar com essa entrevista, deixamos aqui aberto este espaço para suas considerações finais.

Francisco Vieira: Agradeço o convite e espero que as respostas tenham sido coerentes com os propósitos da revista.

ⁱ Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido e Pesquisador Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (UFERSA/UERN/IFRN).

E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8730615940772209>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>